Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

O BRINCAR E O BRINQUEDO: ALGUMAS RELAÇÕES.[1]

Eduarda Virginia Burckardt[2], Tamara Biasi Donadel[3].

[1] Trabalho realizado no Programa de pós graduação em Educação Física/ Centro de Educação Física e Desportos/Universidade Federal de Santa Maria;
[2] Mestranda em Educação pela Universidade Federal de santa Maria; e-mail: eduarda_lang@hotmail.com
[3] Mestranda em Educação pela Universidade Federal de santa Maria; e-mail: tamaradonadel@yahoo.com.br

Introdução

Analisando a concepção de criança de Ariès (1981) e o que estamos vivendo hoje, é visível que, assim como as outras partes da sociedade, a criança e suas relações com o brinquedo e o brincar também se modificou. Percebemos, que essas relações fazendo-nos pensar que muito da vida das crianças é determinado pelo seu contexto e por seus pertencimentos, e que estes são marcados fortemente pelos adultos e que isso diz respeito a uma mudança que se dá no âmbito da cultura e exige um redimensionamento de olhar para as crianças hoje.

Hoje a criança está exposta as diferentes concepções estabelecidas pela sociedade, os adultos possuem a ideia de aproximá-las aos modos de vida adulta, acreditando que é necessário prepará-la para o futuro, e isso se da pelas muitas tarefas destinadas a criança e a nova configuração do brinquedo com tendências educativas. Devido a isto, Staviski, Surdi e Kunz (2013, p. 114) acreditam que, "o adulto pode estar roubando o que é mais valioso para a criança, que é justamente o seu tempo de ser criança".

Estamos inseridos em uma sociedade rotulada pela correria do dia a dia e pela falta de tempo, onde todas as horas do dia devem ser preenchidas com alguma atividade útil, que gerará alguma produção posteriormente. Assim como os adultos, as crianças estão cada vez mais imersas nesse mundo contemporâneo, no qual o brincar espontâneo já não é visto mais como uma fase que precisa ser vivenciado. O seu real sentido está sendo "atropelado" pelo fazer compulsivo de tarefas e pelos brinquedos com sentido estritamente utilitarista.

Honoré (2009) nos apresenta em sua obra Sob Pressão - Criança nenhuma merece superpais, a preocupação atual com relação as nossas vidas e principalmente com a vida das crianças. O autor levanta preocupações relevantes de como as crianças estão vivendo sob uma certa pressão exercida pelos adultos, tanto na relação do tempo que a criança tem para brincar como também a enxurrada de brinquedos industrializados prometendo maravilhas.

Dessa forma, percebemos que a criança por ela só não percebe o tempo como os adultos, mantêm a atenção no momento de sua ação, no entanto, o atual contexto em que a sociedade está imersa, a aceleração do tempo, assim como, a busca por resultados, na maioria das vezes impossibilita a espontaneidade e o brincar livre da criança, tanto na escola como em casa. Como nos apresenta Alves (1994), brincar é inútil, perda de tempo, nada se produziu brincando, e a sociedade não tolera a inutilidade. Para tanto os adultos procuram negar o tempo de ser criança.

A ideia de que as crianças são sujeitos que estão se constituindo no mundo contemporâneo desafia novas pesquisas e novos olhares para entender quem é esse sujeito hoje. Assim, buscamos destacar

nesta escrita a relação da criança com o brinquedo que com o passar do tempo ganha um novo caráter fortemente induzido pela Indústria e que busca por meio destes o desenvolvimento da criança, carregando o brinquedo de intensões pensadas pelo adulto e de certa forma para o adulto.

Um olhar para o brincar e os brinquedos

O ato de brincar é nato de qualquer ser humano, configura-se como principal forma de linguagem pelo qual a criança se comunica com o mundo, inicialmente com sinais e gestos, brincando sozinha e com brinquedos, e à medida que vai crescendo, incorpora elementos e valores que adquiriu nos seus primeiros anos de vida.

O brincar proporciona à criança a liberdade de se expressar e "se-movimentar" tornando-se um meio para que compreenda e se aproprie do ambiente no qual está inserida, construindo relações com o mesmo, na mesma direção Kunz (2002), ressalta que a linguagem e o movimentar-se são as poucas possibilidades que ainda nos restam de diálogo com o mundo, ocorrendo uma melhor compreensão e consciência de quem somos e do mundo em que vivemos.

Para o senso comum o brincar é compreendido como uma ação destituída de significados utilitários e sérios, para tanto, este está cada vez mais exposto as imposições padrões da sociedade, aparecendo muitas vezes em forma de mera repetição ou cópia, como nos apresenta Kunz (2002), ou, sendo "sufocado" por afazeres mais "sérios".

Nessa lógica o brinquedo aparece de forma muito intensa e para entender a caracterização da infância e sua relação com o brinquedo, recorremos a Benjamin (1984), o qual lembra que a história cultural do brinquedo tem seu início em épocas pré-históricas, tendo o século XIX como um momento relevante, que consiste na substituição paulatina dos brinquedos artesanais pelos fabricados industrialmente.

Os brinquedos infantis vão desenhando novos percursos. Alguns são rapidamente substituídos e outros vão ocupando um lugar cada vez maior na vida das crianças, principalmente na contemporaneidade, em que os pais estão cada vez mais ocupados com tarefas do dia a dia, sem muito tempo para as crianças e acabam utilizando brinquedos de fácil "acesso" que estão à venda para presentear os filhos, com a intenção de cobrir, ou, de certa forma, amenizar a ausência.

Porém os brinquedos nem sempre tiveram a lógica de industrialização e de fácil acesso para compra. Eles eram construídos por cidadãos comuns, com outras intenções, como nos mostra Benjamin (1984, p. 67):

Os brinquedos não foram em seus primórdios invenções de fabricantes especializados; eles nasceram sobretudo nas oficinas de entalhadores em madeira, fundidores de estanho, etc. Antes do século XIX a produção de brinquedos não era função de uma única indústria. O estilo e a beleza das peças mais antigas explicam-se pela circunstância de que o brinquedo representava antigamente um produto secundário das diversas indústrias manufatureiras, as quais, restringidas pelos estatutos corporativos, só podiam fabricar aquilo que competia a seu ramo. Quando, no decorrer do século XVIII, começam aflorar os primórdios de uma fabricação especializada, as indústrias chocaram-se por toda a parte contra as restrições das corporações. Estas impediam o marceneiro de pintar, ele próprio, suas bonequinhas; para a preparação de brinquedos de diferentes materiais obrigavam

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

várias indústrias a dividir entre si os trabalhos mais simples, o que encarecia sobremaneira a mercadoria.

O brinquedo, tornando-se industrializado, passa a ter novos "valores" e "preços" impostos pela indústria. Essas mudanças ocorreram quando as crianças se tornaram prioridade na agenda cultural, e uma indústria de brinquedos surge com força e este começa a ser encarado como mais que um simples brincar, e sim como uma ferramenta que tenha condições de formar cérebros jovens, servindo como meios para um fim (HONORÉ 2009).

Dessa forma, quando se discute sobre criança o brincar e os brinquedos estão presentes, porém geralmente esse debate acontece em um viés funcionalista, limitando o olhar apenas para esse aspecto e desconsiderando a singularidade da criança.

Verden-Zöller (2004) destaca que a brincadeira tem sido vista como uma atividade que as crianças realizam como forma de preparação para a vida adulta, como se este fosse o proposito biológico da brincadeira, não enxergando sua intencionalidade. Diante desse contexto, verificamos que os brinquedos industrializados tem cada vez mais a intenção de potencializar as capacidades da criança, o que é percebido pelo comportamento do adulto, o qual na busca de preparar a criança para futuro acaba esquecendo o sujeito que brinca desconsiderando-o deste processo, levando em consideração apenas o fim daquela brincadeira, ou melhor, o resultado que esse Brincar pode gerar na criança (HONORÉ 2009).

Assim, o brincar tem sempre uma intenção, um brincar para conseguir algo não tendo um fim em si mesmo. Isto segundo Honoré (2009) foi promovido por intelectuais que encorajaram os pais a comprar brinquedos que educassem além de divertir, e assim os fabricantes atendem ao chamado e surgem as cartas de baralho com o alfabeto, quebra-cabeça para ensinar historia e geografia e tabuleiros prometendo ajudar com os cálculos.

Da mesma forma, na rotina de muitas escolas o brincar é visto apenas como forma de ensinar, se brinca para aprender algo. E isso é percebido quando ouvimos dos educadores: Para de brincar e vai fazer a atividade! Agora acabou a brincadeira, vamos trabalhar! E assim como essas, muitas outras frases, que negam o brincar como algo essencial da criança, pois em tudo que ela faz ela brinca.

Percebemos que o interessante nesse processo foi usar além do nome do brinquedo logo em seguida uma "justificativa" que sustenta esse brincar como algo sério que tem reconhecimento e é realmente importante para despertar o interesse do adulto, como se o brincar por si só na sua essência não fosse atraente. Aliado a isto a propaganda nas embalagens dos brinquedos que com palavras fazem o coração dos adultos modernos disparar, aparecem prometendo utilizar tecnologia de ponta e pesquisas sobre o cérebro para ajudar qualquer criança a iniciar logo cedo uma vida brilhante, sendo estes associados a um brincar educativo (HONORÉ 2009).

Em associar o brinquedo a um brincar educativo, ocorre uma supervalorização do brinquedo industrial, os quais acabam, conforme Goettems e Schwengber (2013), por meio de suas representações, educando e ensinando posições e lugares que estão atravessando a cultura na contemporaneidade.

Honoré (2009) escreve que o mercado de brinquedos educativos decolou nos anos 1990, o momento em que a indústria se investe na projeção de brinquedos especificamente para aumentar a inteligência e realçar capacidades motoras e cognitivas, corroborado com a investida possante na pressão competitiva sobre as crianças.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXI Jornada de Pesquisa

Nesta mesma perspectiva Honoré (2009) relata a partir de um experiência com crianças em uma feira de brinquedos que a maior diversão e as brincadeiras mais enriquecedoras, acontece com os brinquedos mais simples, aqueles que deixam lugar para a criança brincar, tentar, experimentar e dar lugar para a imaginação.
Por meio de diferentes elementos é que os brinquedos vão entrando no universo da criança e também do adulto, com as mais variadas intenções, buscando abranger os diversos públicos, utilizando estratégias de cores, personagens, pessoas importantes, com o intuito de chamar a atenção e garantir a venda. É neste ponto que chamamos a atenção e consideramos o brincar e "se-movimentar" como possibilidade para despertar para a importância de um brincar mais livre e espontâneo que considere, por exemplo, os objetos da natureza, como o sol, a terra, a água, como um recurso que deixa espaço para imaginação e criatividade da criança.

Considerações Finais

Perante alguns estudiosos citados percebe-se claramente a relevância do brincar, considerando-o como parte fundamental e inerente ao tempo de ser criança. As crianças necessitam da vivência dessa fase sendo o ato pelo qual constroem relações e interagem com o outro e com o mundo, além de desenvolver sua imaginação, criatividade e autonomia.
Concepções do senso comum e até mesmo de alguns especialistas geralmente não valorizam o ato de brincar e acreditam que este é destituído de significados, nesse sentido o brincar perde seu espaço, na maioria das vezes sendo substituído por atividades supostamente "mais produtivas", atribuindo a criança um conceito de aprendizes em prol do futuro.
Considerando a criança como ser onírico, podemos nos valer de posições que reprimem ou impossibilitam a vivência de suas expressividades por meio do brincar, a fim de que padrões socioculturais voltados para a produtividade, tornando a infância como um momento de preparar a criança para o futuro?
Estes estudos pretendem salientar a importância do brincar ser valorizado pelos adultos frente a atual sociedade que se apresenta cada vez mais opressora da liberdade infantil, das brincadeiras e do lúdico. Embora a necessidade da criança brincar livremente seja consenso entre os autores abordados, Na busca constante pela produtividade os adultos não percebem que a aceleração do tempo, e o bombardeio de brinquedos industrializados com intenção de estimular o cérebro e "ensinar" a criança prejudica essa liberdade, introduzindo a criança num processo de adultização, roubando seu tempo de ser criança.
Assim, o desejo de se debruçar sobre esta temática e seus desdobramentos nos mobilizam para buscar ainda mais leituras para poder dialogar com autores e suas diferentes perspectivas e, para assim sustentar com autonomia boas práticas pensando no mais importante desse processo, a criança.
Palavras- chave: criança; adulto; modernidade.

Referências:
ALVES, R. A alegria de ensinar. 3. ed. São Paulo: Ars Poética,1994.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BENJAMIN, W. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. 4. ed. São Paulo. Summus, 1984.

GOETTEMS, L.; SCHWENGBER, M. S. A educação dos corpos infantis produzida por roupas e brinquedos. In: FONTELLA, Anna Rosa Santiago; FEIL, Iselda Teresinha Sausen; ALLEBRANDT, Lídia Inês (Org.). O curso de Pedagogia da Unijuí – 55 anos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2013.

HONORÉ. C. Sob Pressão. Criança nenhuma merece superpais. Tradução de José Gardeal. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

KUNZ, E. Práticas Didáticas para um conhecimento de Si de Crianças e Jovens na Educação Física. In: Kunz, E. Didática da Educação Física. 2. ed. Ijuí: Ed. da Unijuí, 2002. p. 15-52.

STAVISKI, G; SURDI, A.; KUNZ, E. Sem tempo de ser criança: A pressa no contexto da educação de crianças e implicações nas aulas de educação física. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 113-128, jan./mar. 2013.

VERDEN-ZOLLER. Gerda. MATURANA. Humberto. Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004. 264p.